

mesa quadrada de madeira, na qual era melhor não tocar, se não se desejava ficar grudado nela, tal qual as moscas, que cambaleavam por ela como se estivessem bêbadas. Tudo em mim estava errado: o penteado, o rosto como que congelado, o terno branco, até mesmo os punhos azuis a espreitar para fora das mangas do paletó. Logo vão me carregar para fora daqui, pensei, feito uma peça supérflua da decoração. Perguntei ao dono do bar, que, com uma careta torta e sem dizer palavra, incitava-me a fazer meu pedido, se Luisa já havia estado ali, o que não pareceu estimulá-lo a qualquer reação. Ele deu meia-volta, deixando-me em paz, e fiquei sem nada para beber. Não pela primeira vez naquele país, tive a sensação fisicamente dolorosa de ser apenas tolerado. Meus pés ardiavam. A não-confiabilidade é a virtude mais amplamente difundida por lá, e a falta de pontualidade, sua expressão mais nítida. Todos prometem o céu, mas, se se faz menção de acreditar na promessa, fica-se em maus lençóis. Todos mentem e xingam descaradamente, a fanfarronice é parte do figurino. Assim, eu de repente não tinha mais certeza se de fato marcara um encontro com Luisa àquela hora e naquele estranho bar, porque também ela, na condição de parte integrante daquela sociedade, privilegiava uma retórica de tal modo tempestuosa, que o cerne do que dizia — no presente caso, nosso encontro marcado — logo ficava sufocado.

tuosa, que o cerne do que dizia — no presente caso, nosso encontro marcado — logo ficava sufocado.

Luisa era metade alemã. Sua mãe fora amiga de meu professor de Leipzig e “quase noiva” (palavras de Luisa) dele, antes de se casar e ser desviada para aquela cidade, em cuja escola alemã suas duas filhas, Luisa e Vera, haviam aprendido alemão. A família morava num bairro melhor da cidade, mas Luisa conhecia bem todas as espeluncas do centro, pelas quais circulavam os artistas, como ela dizia, todos eles uns pobres-diabos desesperançados, que não pareciam ter alguma vez pintado um quadro ou publicado um livro. A tagarelice era a lei de bronze de suas conversas. Já observara várias vezes como, mesmo sem nada ter a dizer, mesmo estando vazios, eles lentamente se reanimavam, para, enfim, encontrar o que dizer, o pretexto para o prosseguimento do falatório. Roubavam tudo da Europa e o desfiguravam até torná-lo irreconhecível. Ladrões talentosos, fanfarrões convictos. Eram imunes à tentação do desenvolvimento do intelecto a partir de uma perspectiva racional. Mas, em compensação, eram cintilantes e vívidos, capazes tanto da revolta brusca quanto do longo esquecimento, uma autodenominada elite, desprovida de uma qualquer missão, encontrando-se diariamente para estripar a